



Capítulo 1

Mas primeiro temos que voltar ao momento quatro meses antes de eu encontrar meu destino, quando saí da Wilson's e encontrei Ayesha esperando do lado de fora. Tecnicamente ela não estava do lado de fora, mas a algumas portas abaixo porque ninguém com menos de 75 anos de idade gostaria de ser visto do lado de fora da Wilson's.

Porque eu sou a adolescente mais tediosa do mundo, tenho o emprego mais tedioso do mundo aos sábados. A Wilson's é uma loja elegante de fachada dupla na High Street que está lá desde 1907. É o lugar aonde as roupas vão para morrer, mas depois que chegam ao interior escuro e com cheiro esquisito, elas decidem ficar por mais alguns anos. O Sr. Wilson, neto do proprietário original, não parecia notar que quase não havia clientes para suas blusas florais de tecido misto de poliéster, capas de chuva de plástico colorido e calcinhas enormes, ou talvez ele simplesmente não se importasse.

Não é preciso dizer que era um emprego aos sábados totalmente aprovado-pela-mamãe. Havia zero chances de encontrar qualquer garoto pegável enquanto eu escrevia cartões para prender nos manequins na vitrine que diziam coisas alegres como “Perfeito para o Dia das Mães” e “Linda em Lilás”. O Sr. Wilson era legal, em geral eu mantinha seus níveis de chá lá no alto e ele ficava nos fundos fazendo caça-palavras. Ele entrou na loja enquanto





eu estava baixando o preço de umas meias-calças cor da pele antigas que provavelmente haviam se desintegrado dentro de suas embalagens, precisamente às 13h03, e me disse que eu podia ir almoçar, como sempre fazia todos os sábados.

Segurando três libras em moedas para o sanduíche de salada de frango ao curry do Sr. Wilson, chocolates KitKat “e compre algo bonito para você com o troco”, eu finalmente abri a porta e mal havia conseguido dar algumas inspiradas de ar fresco quando ouvi alguém gritar “Bea! Aqui!”.

Ayesha estava parada do lado de fora da loja de Pesquisa do Câncer vestindo uma túnica minúscula, leggings pretos e um par de óculos escuros enorme, apesar de o dia estar nublado e cinzento.

Caminhei lentamente em sua direção, dolorosamente consciente do meu vestido azul-marinho até o joelho porque eu era proibida de usar calças na loja ou qualquer coisa que estivesse remotamente na moda. Eu esperava que o meu vestidinho formal beirasse o estilo secretária sexy, mas, pela forma com que Ayesha me deu uma olhadela de cima a baixo, e então engoliu em seco visivelmente, ele beirava o careta.

— Vamos almoçar — falou ela alegremente, como se não fosse a primeira vez que falava comigo em seis meses, três semanas e cinco dias. — Deus, não acredito que você ainda trabalha aqui. Há uma roupa vermelha horrível na vitrine. Parece que foi feita de lã fervida.

Ayesha já havia passado seu braço pelo meu e pareceu surpresa quando deu um passo e eu fiquei exatamente onde estava.

— Na verdade, vou almoçar com a Ruth — balbuciei, meu rosto se contorcendo em uma careta de desculpas, apesar de eu não ter do que me desculpar. Com um timing perfeito, vi Ruth atravessando a rua, as pontas de seu lenço agitando-se na brisa e uma carranca feroz no rosto quando viu com quem eu estava.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntou Ruth, conforme chegava mais perto para poder invadir o espaço pessoal de Ayesha





e forçá-la a dar dois passos rápidos para trás. — As suas novas amigas a largaram porque perceberam que você é uma vaca de duas caras?

As pessoas acham que a Ruth é muito tranquila por causa de todo o negócio de o lenço-fazer-parte da Casa de Oração, mas não podiam estar mais enganadas. Se Ruth e Ayesha fossem sair no tapa, eu não acreditava nas chances de Ayesha. Esperava que não chegasse a tal ponto, mas estavam rolando umas encaradas bem pesadas.

— Eu e a Bea vamos almoçar — informou Ayesha friamente a Ruth. — E só porque não ando mais com vocês, não significa que eu seja falsa. Significa que eu... evolui — finalizou ela com uma satisfação presunçosa, como se Ruth e eu ainda estivéssemos brincando de Barbie. — Venha, Bea. Vamos ao Planet Organic.

— Nós vamos ao McDonald's — rosnou Ruth, aumentando seu olhar fixo alguns pontos na escala ameaçadora antes de se virar para mim. — Você prometeu. Sabe que eu passei a maldita semana sonhando com um Big Mac.

— Eu prometi mesmo — falei para Ayesha, encolhendo desanimadamente os ombros, porque ei, cruz, caldeirinha, meu nome é Bea. — Sinto muito, Ayesha, mas não sei nem por que você está falando comigo, muito menos me convidando para almo...

— Está bem! Tudo bem! — explodiu Ayesha. — Vamos ao McDonald's então.

Não foi nada disso que eu quis dizer. Mas apesar de Ruth ter cerrado os dentes e seus olhos terem faiscado, nada iria ficar entre ela e um Big Mac, mesmo que significasse comê-lo na companhia da Ayesha, que ainda estava de braço dado comigo e praticamente me arrastando.

Para um almoço, foi bem horrível. Ruth e Ayesha vociferaram e rosnaram uma para a outra como dois pitbulls puxando suas coleiras com tachinhas.





Os pais da Ruth não a deixam comer nada frito ou açucarado porque aparentemente fazer parte da Casa de Oração significa não poder ter nenhum tipo de diversão, então ela não parava de olhar furtivamente por cima do ombro enquanto pedia seu Big Mac com batatas fritas extragrandes e Coca e via todas as caretas que Ayesha estava fazendo pelas suas costas.

Eu achei que Ayesha fosse tomar só um café preto para mostrar como estava totalmente sofisticada agora, mas ela pediu exatamente a mesma coisa que a Ruth.

— Tenho tanta sorte por poder comer o que quiser e nunca ganhar peso — falou ela pausadamente, com um olhar intencional para os quadris tamanho 46 da Ruth.

Eu pedi uma salada de frango.

— Coma batatas fritas — pediu Ruth. — Eu vou parecer uma porca enorme se comer tudo isto e você só comer alface.

— Ayesha vai comer batata frita.

— Ela não conta; é uma intrusa indesejável. Veja bem, ela deve estar acostumada com isso se está andando com Ruby Davies.

— Com licença! Estou bem aqui, garota de lenço na cabeça — vociferou Ayesha. — E eu faço parte do grupo de amigas íntimas da Ruby. Não que seja da sua conta.

— Se você fizesse parte do grupo de amigas íntimas, não precisaria sair por aí dizendo que faz parte do grupo de amigas íntimas.

As pessoas estavam se virando para olhar. O menino atrás do balcão precisou me pedir para que repetisse meu pedido três vezes.

— Será que vocês podem não ser tão agressivas uma com a outra? — sugeri, enquanto abríamos caminho pelo restaurante até a única mesa livre, que tinha uma pilha de bandejas vazias e restos de McLanche Feliz. — Nós costumávamos nos dar bem.

Ayesha e Ruth ficaram paradas e observaram enquanto eu colocava minha salada na cadeira e limpava rapidamente a mesa. Então elas se sentaram.





— Nem todas nós nos dávamos bem — falou Ayesha, espremendo cuidadosamente ketchup em suas batatas fritas. — Nós acabamos juntas porque não éramos esquisitas o bastante ou nerds o bastante ou populares o bastante para fazer parte de nenhum dos outros grupos no nosso ano escolar. Quero dizer, é, nós costumávamos ser amigas, Bea, mas você é muito imatura.

— Não sou, não — disse eu, roubando uma batata da bandeja da Ruth, embora ela tivesse batido na minha mão para tentar me impedir.

— Ei! Vá pedir a sua — falou ela, com a boca cheia de hambúrguer.

— Mas vou comer batatinhas hoje à noite — disse eu. — *Pommes frites*; é um tiquezinho nervoso que eu tenho, traduzir palavras e frases aleatórias para o francês. Não me pergunte por quê.

— Viu? — observou Ayesha triunfantemente. — Você faz isso desde que eu a conheço. Você é emocionalmente lesada ou algo assim.

— Isso não prova nada — protestei. — Só que gosto de dizer coisas em francês.

— Está bem, o que vai fazer hoje à noite, então? — perguntou Ayesha, com as sobrancelhas arqueadas.

Desejei desesperadamente fazer algo emocionante ou ter a habilidade de mentir sem gaguejar e piscar rapidamente.

— Bem, vou bancar a babá — admiti. — Mas as avós não conseguem lidar com os gêmeos quando eles estão dando um ataque, e mamãe não gosta de...

— Achar que você pode sair de casa e conversar com garotos de verdade porque pode terminar transando com eles cinco minutos depois — terminou Ayesha por mim. — E, de qualquer modo, com quem você sairia? Ruth provavelmente tem leitura da Bíblia, Polly estará polindo seus arreios, e Lydia vai estar com seus amigos poloneses que não frequentam nossa escola. Então você vai ficar em casa e inventar histórias idiotas na sua cabeça





a respeito de garotos com os quais nunca nem conversou porque você não é uma garota normal de 17 anos.

— Isso não é justo — disse eu aborrecida, empurrando minha salada para longe porque de repente não estava com muita fome.

— Você se transformou em uma escrota — falou Ruth, dando tapinhas na minha mão. — E eu não posso fazer nada se nasci em uma seita religiosa maluca.

— Não estou sendo escrota, só estou dizendo como as coisas são.

Fiquei imaginando de novo, pela décima milionésima vez, se Ayesha e eu ainda seríamos amigas caso ela não tivesse subitamente ficado bonita no verão anterior e subido de nível social.

Eu nunca tive um namorado, então não sabia como era ser abandonada por um. Mas imaginava que fosse parecido com a forma como Ayesha havia me tratado quando decidiu que eu não era boa o bastante para continuar sendo sua amiga. Nós havíamos sentado uma ao lado da outra durante todo o ensino fundamental e parte do ensino médio. Aí, um dia, ela estava sentada na última fileira com a Ruby Davies, indo almoçar com a Ruby, voltando para casa a pé com a Ruby. Quando estava comigo, arrumava brigas e via erros em tudo que eu dizia, fazia e vestia. Ela parou de me telefonar, parou de me mandar e-mails, me bloqueou no chat do Google, mas só depois que eu soube que ela havia ficado com o Jack foi que finalmente discutimos.

Eu sabia que não podia realmente me declarar dona do Jack, ele era só um menino lindo por quem eu tinha uma paixonite enorme; mas Ayesha sabia o que eu sentia por ele. Sabia o quanto eu ficava vermelha quando o via do outro lado da rua e sempre me cutucava para garantir que eu o visse perambulando pela Broadway, seu cabelo dourado cintilando sob o sol. Ela sabia como eu me alimentava durante semanas da lembrança dele me servindo no Burger King.

Na verdade, Ayesha havia autorizado totalmente minha paixão pelo Jack. Antes de se tornar legal, nós passávamos horas





inventando essas fantasias longas e detalhadas sobre eu sair com o Jack e ela sair com o amigo dele, Col. E quando digo detalhadas, quero dizer que descrevíamos nossas roupas e o que iríamos pedir do cardápio quando eles nos levassem ao Pizza Express em um encontro de casais e como seria segurar suas mãos enquanto caminhássemos até o Ally Pally para ver as estrelas.

Então, quando eu soube que Ayesha havia sido vista com a língua enfiada na goela do Jack e a mão dele por baixo da saia dela, aquilo me atingiu em cheio. Levei muito tempo para confrontar Ayesha, porque eu não sou de confrontos e ela estava me evitando ainda mais que o normal. Quando finalmente a vi depois de ficar vigiando a sala dos casacos, ela ficou ali com os braços cruzados e uma cara de tédio no rosto enquanto eu fazia as acusações. Na verdade, as acusações consistiram em eu choramingando “Como você pôde? Com o Jack? Por que fez isso quando sabe do que eu sinto por ele?”.

Ayesha não disse nada até eu ficar tão tomada pelos meus “Como você pôde?” que comecei a chorar. Aí ela me lançou um olhar que era mais de pena que de crueldade.

— Você está tão molhada que está praticamente pingando — falou friamente. — Você inventa todas essas idiotices e, como não tem vida própria, começa a acreditar que é verdade. Bem, não é, e o Jack nunca foi seu namorado e, de qualquer forma, ele beija muito mal.

— Por que está dizendo isto para mim? — implorei a ela. — Por que está sendo assim? Você devia ser a minha melhor amiga.

— Pelo amor de Deus, Bea, quando você vai enfiar nessa cabeça dura que eu não sou mais sua amiga? — Ayesha quase gritou. — Você age como uma criança de 12 anos; uma criança de 12 anos bem chata com o mesmo cabelo sem graça que tinha aos 12 anos, e eu não aguento isto!

Foi o pior momento da minha vida até então. A dor simplesmente me rasgou, e só o que consegui foi prender a respiração.





Ayesha e eu éramos amigas desde o maternal, e os 14 anos que havíamos passado com nossas vidas entrelaçadas não significavam nada para ela. Não valia a pena lutar por aquilo, não valia a pena salvar aquilo, porque eu havia deixado de ser sua amiga e passara a ser um constrangimento.

Pelo menos eu não fiz um papelão maior implorando a ela que repensasse sobre o meu papel em sua vida. Eu simplesmente saí da sala de casacos sem nenhuma palavra, e não trocamos um olhar amigável desde então. Mas agora ali estava eu com Ayesha no McDonald's, quando devia simplesmente ter dito a ela para ir embora assim que a vi do lado de fora da Wilson's. Talvez devesse até ter dito alguns palavrões.

— Eu não invento histórias idiotas — informei à Ayesha desdenhosamente. — Chama-se ter uma vida íntima rica.

— É a única vida que você tem — falou Ayesha zombeteiramente. — Jesus! Fique zangada comigo! Xingue-me por ser uma megera horrorosa, mas não fique só sentada aí com o lábio tremendo, Bea.

Tive de usar todas as minhas forças para manter minha boca imóvel.

— Nós já estabelecemos que você não gosta de mim, então por que de repente achou que era uma boa ideia me encontrar para almoçar?

Ayesha deu de ombros do seu jeito elegante e despreocupado projetado para fazer seus longos cabelos negros ondularem sob as luzes fluorescentes, e seus seios deram uma balançada incrível que fez com que o pai perturbado na mesa ao lado se virasse para olhar.

— Eu gosto de você — insistiu ela. — Mas você me deixa louca. Você é tão... tão... Qual é a palavra?

Esperei ansiosamente para ouvir essa palavra prodigiosa que resumia tudo o que havia de errado comigo.

— Passiva — falou Ruth. — Você só segue a maré, mesmo que a maré não esteja na direção em que você quer ir.





Ayesha assentiu, e foi engraçado (engraçado peculiar, não engraçado do tipo ha-ha-ha) que as duas só conseguissem se dar bem quando estavam me botando para baixo.

Eu me levantei e olhei para um ponto em algum lugar acima de suas cabeças.

— Tenho que ir agora — falei com uma voz que eu esperava transmitir uma dignidade tranquila. — Tenho que comprar um sanduíche para o Sr. Wilson e talvez tomar algumas garrafas de cidra antes de voltar para o trabalho. Acham que isso seria apropriado o bastante para a minha idade na opinião de vocês?

— Você não consegue nem dar uma resposta atrevida — suspirou Ayesha. — Olhe, te vejo na segunda-feira, a não ser que esteja livre amanhã. Há uma boate que abre às 15h em Camden.

— Não posso — murmurei. — Vou à aula de pilates com a minha avó.

Não havia nada que nenhuma das duas pudesse dizer para fazer eu me sentir pior. Porque eu não tinha uma vida, eu era monótona. Tudo a meu respeito era sem graça. Eu tinha até o número de sutiã mais sem graça do mundo, tamanho médio. Mas o negócio era que eu não queria fazer o que as outras garotas da minha idade faziam, que era ficar bêbada, dar uns amassos nos garotos e arrumar problema com os pais. Quero dizer, para quê? Você só acabava de ressaca, com chupões e sem mesada.

Sentindo-me sobrecarregada pelo halo acima da minha cabeça, que estava praticamente brilhando de bondade, tentei sair do McDonald's com a cabeça erguida.

Mais tarde naquela noite, enquanto ignorava os lamentos vindos da babá eletrônica (Alfie sempre choraminga até dormir) e me forçava a comer meu bife malpassado como uma pessoa francesa o faria, as palavras de Ayesha ecoavam na minha cabeça.

Eu estava em casa em um sábado à noite porque não tinha nada para fazer, e mesmo que as ofertas houvessem aparecido





aos montes e existisse um fluxo constante de meninos esperando para sair comigo, minha mãe nunca me deixaria sair de casa. Não sem um cinto de castidade e horário máximo para voltar às 21h30.

Precisava encarar os fatos; eu era uma droga como adolescente.

Ter de confrontar minha extrema droguice e como eu era tão feita de fracassos estragou o restante do fim de semana. Aos domingos eu vou à aula de pilates com a Vovó Minor, aí nós vamos à casa da Vovó Major para o almoço de domingo, como sempre fazemos. Ela é a mãe da Vovó Minor. Antes do James e dos gêmeos chegarem, éramos um clã muito feminino.

— Você vem de uma família de mulheres fortes. — Vovó Major sempre diz, porque ela dirigiu uma ambulância durante a Segunda Guerra Mundial e Vovó Minor foi uma estudante ativista nos anos 1960 e marchou para banir a bomba. E mamãe ainda conseguiu tirar um diploma universitário comigo a reboque, então eu acho que ela se qualifica. Ainda estou esperando que o meu gene de mulher forte apareça.

— Você não é de ficar com a cara triste — disse Vovó Minor, enquanto eu descascava batatas taciturnamente como a boa menina que era. — Qual é o problema?

— Nada — falei, porque como poderia dizer a ela que eu não queria estar ajudando com o almoço, mas fazendo coisas bacanas no domingo à tarde tipo ir ao Camden Market ou procurar vestidos vintage em brechós ou assistir a filmes estrangeiros com legendas em cinemas independentes ou beber café preto e ler livros usados da Penguin em cafeterias pequenas que vendiam bolos caseiros, e no geral andar com pessoas artísticas e interessantes com cabelos muito bonitos e roupas ecléticas que nunca passariam seus domingos cortando os talos das couves-de-bruxelas, o que eu comecei a fazer depois que terminei as batatas.

— Ah, querida, não seja uma adolescente emburrada — falou Vovó Minor lentamente, trocando um olhar divertido com a





Vovó Major, que estava dirigindo os procedimentos de seu lugar à mesa da cozinha. — É tão previsível. Esperamos mais de você.

— Não sou, não! — protestei. — Só sinto como se, sei lá, não estivesse aproveitando todo o meu potencial.

— Há muito tempo para isso — decretou Vovó Major. — Você deve aproveitar a juventude enquanto pode. Nenhuma responsabilidade, nenhuma pressão, nenhuma expectativa.

Ela só podia estar brincando comigo. Olhei de soslaio através da passagem para a sala de estar onde mamãe brincava com os gêmeos e provavelmente inventava novas maneiras de me encher de responsabilidade, pressão e expectativas. Ela já dissera às avós que ia ter uma reunião com a diretora da minha escola a respeito da minha inscrição em Oxbridge. Apesar de ela não precisar se preocupar, já que seria uma reunião muito curta.

— Ei, eu tenho muitas pressões — falei de maneira emotiva, mas as duas riram.

Aí a Vovó Major pegou sua cópia de *A arte da culinária francesa* e me perguntou se eu estava a fim de fazer uma mousse de chocolate, ou *pot au chocolat*, e, como distração, esta foi a opção campeã.